

NO LITORAL PAULISTA

V

Na historica cidade de Iguape — A imponencia do vale do Ribeira — Ainda o caboclo — Um pouco de psicologia — Do alto da torre de Bom Jesus — Iguape, cidade morta — O seu passado e o seu presente — Regresso a São Paulo

Fernando CALLAGE

Terminada a minha visita á cotouia japoneza de "Sete Barras", procurei, em seguida, conhecer a cidade de Iguape, tão famosa pela sua historia rica de episodios interessantes e ao mesmo tempo curiosa pela existencia do Bom Jesus que é o seu actual padroeiro e que foi achado numa fonte, nas proximidades da cidade.

Essa cidade, a mais importante do litoral, foi em cutras épocas, centro de grande actividade e movimento. A primeira fundação de Iguape deve-se ao capitão Heledoro Cubano Pereira, subdito de Martim Afonso, em 1567. O primeiro nome que recebeu a historica cidade foi de "Nossa Senhora das Neves", então padroeira da povoação. Tendo mais tarde, em 1635, erigida a

se fala. Porque o caboclo não planta mesmo. Vive de juróga, de caniço em punho, de um lado a outro do rio, pescando.

A's vezes em redor de sua casa vê-se uma armadilha para caçar algum bicho do mato. Outras vezes, num varal, no lado da casa, uma roupa de homem enforcada. Nada mais. O panorama é quasi sempre o mesmo. O caboclo não liga mesmo importancia para a vida. É um filosofo. Não se preocupa com o dia de amanhã, apenas vive para o dia de hoje. Dá pena vê-lo maltrapilho, descalço, chapéu de palha, fumando um enorme cigarrão de palha. Toda a margem do Ribeira apresenta caracteristicos exemplares desse tipo que vive alheio ao mundo, pescando e filosofando. E'

gar em baixo, na porta de entrada. Uma velhinha ao lado, ajoelhada junto á uma imagem, vae desfian-do, contrita, o seu rosario.

Saio da Matriz e percorro as ruas centrais. Detenho-me diante dalguns sobrados que pertenceram ao comendador Alves. São enormes casarões quadrados, com uma infinidade de janelas encima e portas em baixo. De aspecto grandemente colonial. Essas casas dos fidalgos de outróra, lembram pela sua grandiosidade, com fortificações medievaes para resguardar tropas e escravos.

Toda a cidade assim me encanta. Eu gosto imensamente das coisas antigas. Principalmente daquelas coisas antigas que falam do nosso passado e da nossa historia. Ainda,



LARGO DA MATRIZ — IGUAPE

Matriz em louvor do Bom Jesus do Ribeira.

Uma das minhas curiosidades desde que me foi dado a oportunidade de viajar pela zona do litoral paulista, era a de conhecer essa cidade que Plínio Salgado, sempre voluptuoso pelas coisas do passado, me chamava atenção. Após tres dias de estada em "Sete Barras", rumei destino a Iguape.

A viagem foi feita no "Candido Rodrigues" vapor pertencente tambem á Companhia Fluvial Sul Paulista. Deixei Registro ás 6 horas da manhã e cheguei em Iguape, ás 14 horas.

Durante o percurso dessa viagem não deixei um só instante o convés, de onde, os meus olhos maravilhados, contemplavam a majestade impressionante do Ribeira de Iguape. É este um rio de grande largura e poderoso de volume d'agua.

A natureza que margea o rio é prodigiosa de uma vegetação extensa e luxuriosá. De cada lado do rio percebe-se que a terra é fértil, quer para cultura de arroz, café, cana de assucar, banana, mandioca, como tambem para criação de gado. A cada momento vemos, pastando, gado mestiço semelhante ao do Rio Grande do Sul.

Lindos aspectos vão-se descortinando aos nossos olhares. No baixo de Carapinha o vapor pára para receber lenha. Descemos e vamos a uma vendola japoneza. Compramos fosforos e cigarros. Uma linda japoneza, filha do lugar, nos recebe sorrindo. Perguntamos o seu nome e disse-nos chamar-se Maria. Fala o portuguez como uma cabocla. Agradou-nos... mas, minutos depois, tivemos que deixa-la. Lá ficou ela a olhar-nos com os seus olhos de jaboticaba, a sorrir, com o seu claro sorriso, para mostrar a perfeição simétrica dos seus dentes brancos...

Como nas margens do Juquiá, todo o vale do Ribeira, é povoado de caboclos. O nosso olhar não se cansa de vêr o rancho do caboclo, de o rondar nos seus minimos detalhes. Quasi sempre esburacado, com enormes rombos na parte da frente. Em redor nem o mais leve sinal de plantação. Da existencia de um pé de milho, de mandioca, de banana. De verduras, então, nem

um retrogrado. Talvez um vencido. Quem o vê assim sente apagar-se nele toda aquela bravura do nosso antepassado, que de ouvido atento e olhar aceso, vivia para a conquista de novos horizontes, de novas terras, de outro mundo.. Contrastando com essa existencia apagada, vemos trabalhando, lutando, progredindo nos seus haveres, o imigrante japonez. Por toda a banda do rio virgem boas vivendas dos filhos do Sol Nascente. Em torno delas, moinhos, vacas, cavalos, plantações e uma chusma de crianças. Esse elemento colonizador, digam o que disserem, veiu, sem duvida, dar uma nova vida á zona do litoral. Zona que viveu sempre abandonada dos poderes publicos. Que nunca encheram nela uma fonte de riqueza. Que nunca deram ao nosso caboclo o menor estímulo, o qual tem vivido sempre isolado de tudo e de todos.

A sua apatia, naturalmente, vem desse descaso que o mantem anulado moral e fisicamente. No entanto, essa triste figura de abatido, abre caminho para os japonezes. É um forte. Com um pouco de "pinga" e de farofa, ele vence distancia, dentro e fóra do mato, sem mostrar o menor signal de fadiga. De repouso. Inverno e verão é sempre o mesmo.

Mas chegamos em Iguape. A entrada forma uma bacia contornada por minúsculas ilhas. Descemos do "Candido Rodrigues" e nos dirigimos para a cidade. Iguape é verdadeiramente uma cidade morta. Possui boas ruas, enormes praças, mas não tem nenhum movimento. Poucas casas novas. A sua fisionomia tem aquela expressão de que já viveu muito, teve uma fecunda mocidade. As ruas desimétricas, com amplos casarões de beiraes de telhas, pratibandas de tijolos, paredes com quasi um metro de largura, dizem da grandezza do seu passado.

Trepo na torre da Matriz do Bom Jesus. Avisto todo o panorama da cidade. Lá embaixo, poucos, raros transeuntes. Nem um rumor de movimento, de azas. O silencio nos esmaga e nos aterra. Depois descemos vagarosamente a escada da torre que é um imenso parafuso. Leva-se varios minutos para se che-

ha pouco, lendo as crônicas que o meu amigo Francisco Stella, brilhante intelectual vem escrevendo sobre a Bahia, na "A Razão", fiquei com uma vontade doida de conhecer os monumentos historicos da velha capital do Brasil colonia.

Mas, tenho que deixar Iguape. O meu desejo era o de ficar alguns dias entre os moradores de tão pitoresca cidade, mas a escassez de tempo não m'o permite. Assim, na manhã seguinte de minha chegada, fui obrigado a tomar o "Iguape" e volver, de regresso, para S. Paulo.

Nas ligeiras linhas que ahí ficam deixo toda a minha admiração e a minha saudade, a tão sugestivo recanto do litoral paulista que já viveu, nos dias preteritos, — uma vida tão intensa de tumulto e de tão opulenta grandezza.

AFRICA DO SUL

A INDEPENDENCIA MONETARIA

CAPETOWN, 17 (U. P.) — Corre o boato de que o governo da União da Africa do Sul prepara um projecto de lei, que será apresentado á aprovação do Parlamento na proxima sessão legislativa, estabelecendo a independencia monetaria.

O consul japonéz em Mukden vai ser nomeado embaixador no Brasil

TOKIO, 17 (U. P.) — O sr. Haya-shi, consul geral do Japão em Mukden, será nomeado embaixador no Brasil.

ALFAIATARIA

PALACETE SANTA I
Praça da Sé, 53 — 3.º andar

Vicente Lino

Ex-contramestre da CIDADE DE
PERFEIÇÃO E PON
PREÇOS MOD

OITO I
TAS" E
DOS NA

BERLI
interdiç
putados
Dieta d
sem qu
esse mo
da prof
da Alen

O PAI

BERI
meiros
cedente
importa
bilhões

FOI R
CONV

BERI
lho de
tou o p
daquela
rá, por
ano pr

Foi re
le

RIO,
Jockey
da 5.ª
requere
Clube.

rodas
inobserv
do con
do corr

Os ex-
feicoat
gearar

RIO
da Esc
Oficiais
1912 a
gresso
seph
manhã
signific
dos he
Alçides
que fez
dades
vidualic
rante t
mais as
to Bras
artilhar
ves con
Ao co
da um
brasilei
da cat
cional.

O co
mente
ves p
simples
lhe pre

O re

seu pa

vindou

Decret
favore

192

RIO,

verno

Guerra

corren

minal

dos pi

das ju

tos do

tos re

desde

tidade

cança

ticas

Os tra

zador

RIC

cumbi

apresi

a fica

dos.

Os

da rei

minis

Qua

pesa,

cia

Minis